

ILÊ AXÉ
OPÔ
AFONJÁ

PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE: FÉ, EDUCAÇÃO E LIDERANÇA NO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

Este livro é resultado de um percurso de escuta, convivência e diálogo. Nasceu das derivas e conversas partilhadas com o povo do terreiro — com suas vozes, gestos e silêncios — que fazem do Ilê Axé Opô Afonjá um espaço de memória viva, fé e pedagogia ancestral. As páginas que seguem foram tecidas a muitas mãos, num exercício de aproximação entre a palavra escrita e a palavra ritual. São fruto do convívio e da escuta atenta com Mãe Ana de Xangô, Yalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, cujas reflexões e experiências contribuíram para compreender o Afonjá como um território de saberes e práticas que atravessam a história, a espiritualidade e a educação. Participaram igualmente dessa construção as filhas e os filhos de santo, cujas narrativas e memórias reforçam a dimensão coletiva e afetiva do Axé. Através de suas vozes, o livro adquire a textura viva da tradição oral, revelando que o conhecimento, no Afonjá, é sempre partilhado, transmitido e reinventado. Esta obra constitui um testemunho contemporâneo da força das mulheres de Axé e de suas pedagogias do cuidado e da resistência, no ano do centenário de Mãe Stella de Oxóssi — Odé Kayodê. O texto, sustentado pela escuta e pelo respeito às hierarquias sagradas, inscreve-se como um gesto de reconhecimento e reverência àqueles e àqueles que, com fé e sabedoria, mantêm acesa a chama do mistério.

2

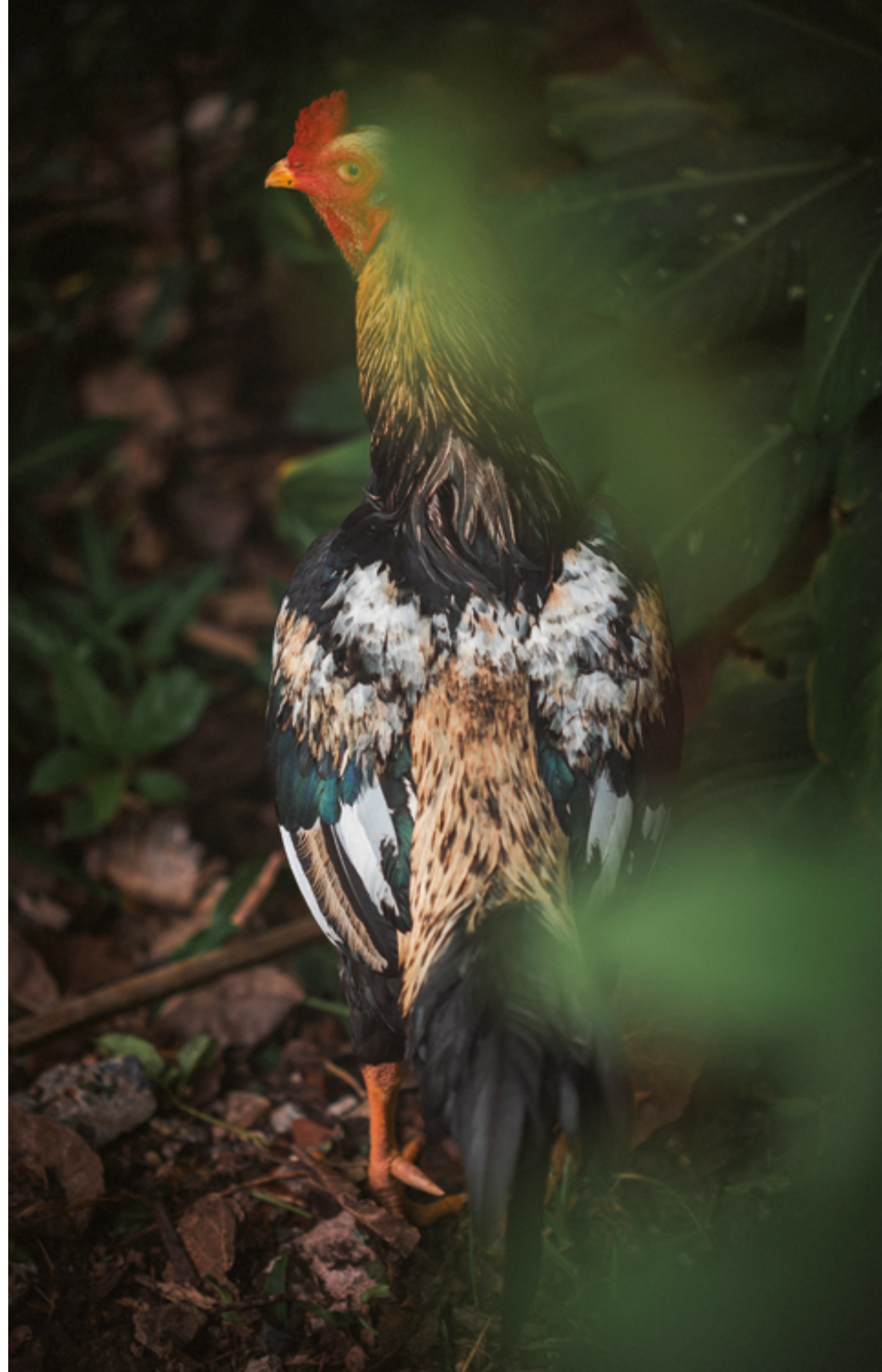
ISBN 978-85-5971-143-1



3



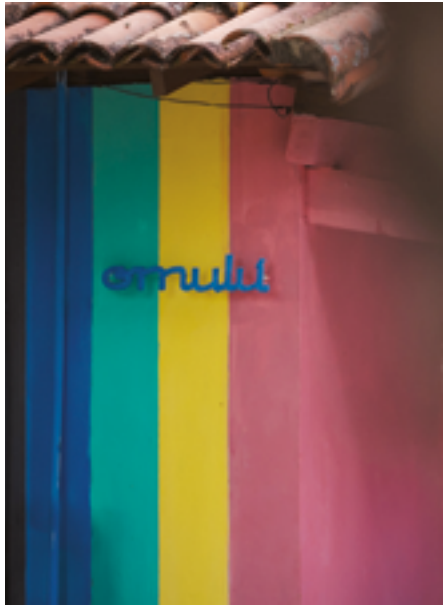










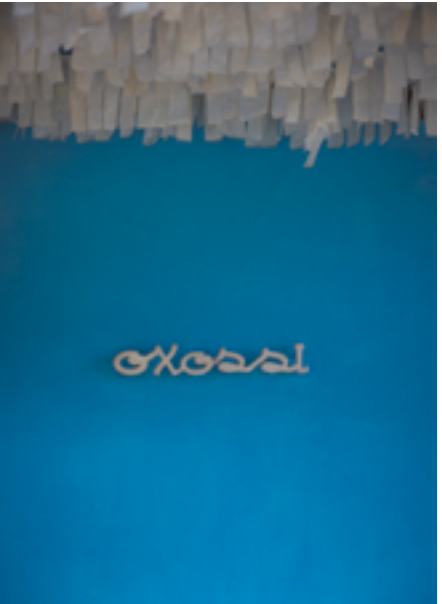
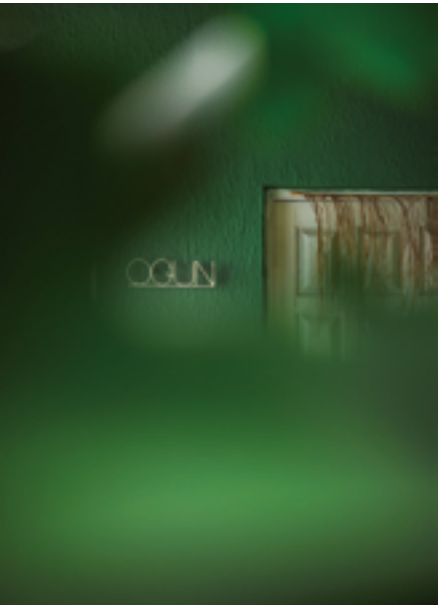


16



17







PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE: FÉ, EDUCAÇÃO E LIDERANÇA NO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ



A fundação do Ilê Axé Opô Afonjá, em 1910, por Eugênia Ana dos Santos (Mãe Aninha), constituiu um marco na história religiosa e cultural da Bahia. Filha espiritual de Mãe Obá Tossi, da Casa Branca do Engenho Velho, Mãe Aninha consolidou um terreiro de matriz nagô que se tornaria referência nacional, articulando saberes ancestrais, práticas rituais e formas de organização social. Conforme sublinhou Juana Elbein dos Santos, em sua obra clássica *Os Nãgô e a morte* (1976)¹, o Afonjá constitui espaço central de transmissão e preservação da cosmologia nagô, reelaborando práticas que asseguram a continuidade do axé e o fortalecimento comunitário.

Fotos de Ruth Landes que aparecem neste ensaio (a) Edison Carneiro no terreiro de Ilê Axé Opô Afonjá (b) e (c) Ruth Landes e Mãe Sabina no vestido baiano, setembro de 1938 (d) Anotações da autora no verso da foto (e) Filhas de Sabina, presente da mãe d'água. 11 de setembro, 1938 (f) Altar (g) Anotações da autora no verso da foto (h) Filhas de santo aché perto das casas dos orixás, Ilê Axé Opô Afonjá, 2 de outubro, 1938 (i) Anotações da autora no verso da foto (j) Crianças na casa de Manoel, Gantois, setembro de 1938 (l) e (m) Retratos de Osidagan. Ilê Axé Opô Afonjá, 1938 (n) Edison Carneiro segurando a foto de Mãe Aninha tirada por Donald Pierson, no terreiro de Ilê Axé Opô Afonjá, 9 de outubro, 1938 (o) Um retrato de Mãe Aninha, aos 45 anos de idade, nas mãos de Edison Carneiro, Ilê Axé Opô Afonjá, 9 de outubro, 1938

A liderança de Mãe Aninha projetava-se muito além do âmbito estritamente religioso. Ruth Landes a descreveu como “a mãe de santo mais honorável da Bahia”, destacando sua vitalidade e capacidade de articulação política e institucional no campo do candomblé. Já nas décadas de 1920 e 1930, Mãe Aninha participou ativamente de iniciativas como a União de Seitas Afro-Brasileiras e designou Edison Carneiro como ogã e representante do terreiro em trabalhos acadêmicos e públicos, consolidando sua influência tanto no plano religioso quanto no social (LANDES, 2002, p. 113-114).² Esse protagonismo foi também sublinhado por Jamie Lee Andreson, ao analisar as imagens produzidas por Ruth Landes: “O exemplo das fotos da Mãe Aninha — Eugênia Anna Santos, que havia falecido alguns meses antes de Landes chegar ao Brasil, em 1938 — do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, que circulavam entre praticantes, simpatizantes e estudiosos do candomblé, contribuiu para a representação e produção de conhecimento sobre a religião. A versão do candomblé divulgada por figuras carismáticas e públicas, como Mãe Aninha e Martiniano do Bonfim, influenciou muito as conclusões do livro de Landes” (ANDRESON, 2019, p. 33)³. Esse destaque revela como o papel histórico do Ilê Axé Opô Afonjá ultrapassava os limites da religiosidade. Muniz Sodré sublinha que os terreiros baianos — e em especial o Afonjá — constituem-se como espaços de sociabilidade e resistência, tensionando as fronteiras entre o sagrado e

o urbano. Ao articular religiosidade e vida comunitária, o Afonjá tornou-se também um polo de formação social, cultural e política, perceptível desde as primeiras décadas, quando Mãe Aninha e suas sucessoras consolidaram vínculos com a sociedade civil e instituíram a Sociedade Beneficente Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá (SODRÉ, 1988, p. 45).⁴

Nesse sentido, sua morte, em 1938, re-presentou mais do que a perda de uma Yalorixá: foi a ruptura de um ciclo fundacional que marcou profundamente a história religiosa e cultural da Bahia. Como observa Fábio Lima, os iniciados no mistério “não morrem”, mas permanecem como forças atuantes na continuidade do axé, assegurando que a memória e a vitalidade de suas ações permaneçam vivas no corpo social e religioso (LIMA, 2020, p. 57).⁵

A trajetória das grandes lideranças que se seguiram à Mãe Aninha: Mãe Bada de Oxalá, Mãe Senhora, Mãe Ondina, Mãe Stella de Oxóssi e, mais recentemente, Mãe Ana de Xangô revela a vitalidade duradoura dessa linhagem. Cada uma dessas Yalorixás imprimiu sua marca ao terreiro, ora expandindo sua dimensão intelectual e social, ora reforçando sua centralidade religiosa e ritualística.

Assim, compreender a atuação de Mãe Ana de Xangô requer situá-la em uma linha de continuidade histórica, na qual a tradição nagô é preservada e atualizada. Ao mesmo tempo, exige reconhecer como a liderança feminina no Candomblé baiano articula memória, resistência e produção de conhecimento.

MÃE ANA DE XANGÔ: TRAJETÓRIA, FORMAÇÃO E LIDERANÇA

A história de Ana Verônica Bispo Santos, consagrada como Mãe Ana de Xangô, inscreve-se no quadro mais amplo da resistência e da continuidade das tradições afro-brasileiras na Bahia. Herdeira direta da linhagem do Ilê Agboulá e sucessora de Mãe Stella de Oxóssi no comando do Ilê Axé Opô Afonjá, sua trajetória articula dimensões de fé, pedagogia, educação formal e compromisso social. Ao mesmo tempo, reflete as tensões e os desafios enfrentados pelas religiões de matriz africana no Brasil contemporâneo.

A presente narrativa recupera aspectos centrais de sua formação, iniciação e liderança, inserindo-os em um contexto histórico mais amplo e relacionando-os ao legado de mulheres que, desde Mãe Aninha, fundadora do terreiro em 1910, imprimiram marcas indeléveis à cultura religiosa, social e política da Bahia.



TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO¶ Ana Verônica Bispo Santos, filha de Flaviano Santos e de Deise Bispo Santos (em memória), inscreve sua história em uma linhagem afrodescendente marcada pela herança matriarcal e patriarcal vinculada ao culto dos Egunguns do Ilê Agboulá. Seu pai recebeu o *Orukó* conferido pelo ancestral da casa, Baba Agboulá, sendo consagrado como Oluo, o que reafirma a centralidade da ancestralidade como fundamento identitário e formativo. Essa herança, transmitida pelos antepassados, constitui o eixo de sua formação e aprendizado cotidianos. A linhagem patriarcal à qual pertence, ligada ao Ilê Axé Agboulá, também denominado Omo Agboulá, preserva a tradição dos Egunguns e mantém viva uma herança coletiva, na qual a Yalorixá se reconhece e da qual se orgulha.

INICIAÇÃO E APRENDIZADO¶ A iniciação religiosa de Mãe Ana de Xangô, Obá Gerê, ocorreu no Ilê Axé Opô Afonjá, espaço sagrado fundado por Mãe Aninha e reconhecido como um dos mais importantes terreiros do Brasil. Aos 13 anos de idade, foi convidada por Mãe Stella de Oxóssi a integrar a força jovem do Axé, coletivo de atuação social e educativa. Esse grupo assumia a tarefa de acolher visitantes, colaborar em atividades pedagógicas e aprender, na prática, os ensinamentos transmitidos por Mãe Stella, que sempre articulava religião, educação e compromisso social em sua ação formativa.

Em um segundo momento, Mãe Ana de Xangô foi convidada a participar do coral do Ilê Axé Opô Afonjá, no qual atuou por muitos anos. A experiência representou não apenas um espaço de aprendizado musical e ritual, mas também um lugar de fortalecimento da memória coletiva, pois o coral se consolidava como instância de preservação e difusão do legado de Mãe Aninha e de Mãe Stella. Participar dessa prática foi, portanto, motivo de alegria e de realização, consolidando a pertença à comunidade e o engajamento com sua tradição.

EDUCAÇÃO E COMPROMISSO SOCIAL¶ O papel de Mãe Stella na trajetória de Ana Verônica foi decisivo. A Yalorixá sempre reforçava a centralidade da educação formal como princípio de vida, afirmando que o estudo deveria caminhar lado a lado com a formação religiosa. A família de Ana Verônica, por sua vez, cultivava essa separação saudável, assegurando que a escolarização jamais fosse negligenciada em nome da vida ritual. Havia, assim, a compreensão de que educação e religião não se excluíam, mas se complementavam, constituindo juntas a base do caráter, da dignidade e da formação dos filhos e filhas de santo.

A liderança de Mãe Stella foi marcada por força, responsabilidade, empoderamento e compromisso social. Para além de sua atuação religiosa, afirmava-se como uma intelectual comprometida com a construção de uma educação antirracista e com a elaboração de projetos inovadores. Entre suas realizações, destacam-se a criação da Casa do Alaká, dedicada ao resgate e valorização do pano da costa; a fundação do museu e da biblioteca do terreiro e o fortalecimento da Escola Eugênia Anna dos Santos, que ganhou novo fôlego a partir de práticas pedagógicas emancipatórias e voltadas à valorização das culturas afro-brasileiras.

A visão de Mãe Stella ultrapassava os limites físicos do terreiro. Seus projetos alcançaram crianças e jovens do entorno de São Gonçalo do Retiro, promovendo o diálogo entre cultura, tradição e sociedade. Ao implementar tais ações, ela reafirmou o terreiro como espaço

de resistência cultural, de formação cidadã e de produção intelectual. O legado de Mãe Stella, portanto, não se restringe à dimensão religiosa: ele se projeta como contribuição para a história da educação, da cultura e da luta contra o racismo no Brasil.

INICIAÇÃO, CHAMADO E SUCESSÃO¶ O convívio com os ensinamentos de Mãe Stella de Oxóssi constituiu, para ela, um privilégio inestimável. Sua pedagogia, marcada pela ênfase no compromisso social, na valorização do estudo e na continuidade da tradição, moldou sua trajetória e consolidou sua identidade enquanto filha do Ilê Axé Opô Afonjá e herdeira da tradição do Aboulá.

Mãe Stella nunca disse explicitamente que ela seria iniciada ou sua filha de santo; o foco de sua atuação estava sempre em formar sujeitos comprometidos com a coletividade, a educação e o legado da casa. Esse estímulo constante estruturou sua visão de mundo, orientando a sua caminhada.

28



Com o passar do tempo, emergiu em seu íntimo a necessidade de ser iniciada, de nascer para o Orixá. Esse rito se realizou em 24 de agosto de 1988, quando foi iniciada por Mãe Stella, nascendo para Xangô e recebendo o *orukó* de Obá Guerê. A partir desse momento, sua vida religiosa assumiu uma nova dimensão, conduzindo-a ao lugar que hoje ocupa: a de líder religiosa e sucessora da sua Yalorixá. A missão e os desígnios que lhe foram entregues por Xangô Afonjá, patrono da casa, são a base de sua fé e de sua atuação. Em Xangô deposita sua confiança, certa de que os pedidos justos, quando permitidos por Olorum, são alcançados. A fé ensina que Xangô não abandona seus filhos: quem pede com sinceridade e coração aberto é atendido, desde que esse seja o caminho designado pelo sagrado.

O chamado que recebeu recorda o de Mãe Stella, que, mesmo após se aposentar da enfermagem, foi convocada a assumir a liderança de um dos mais importantes terreiros do Brasil. De modo semelhante, ainda em plena atividade como educadora, foi surpreendida por esse chamado. Ser escolhida por um Orixá, em meio a tantas pessoas mais idosas e com maior tempo de vivência religiosa, foi impactante e inesperado. Jamais imaginava que seria designada pela ancestralidade e por Xangô para essa missão.

Assumir a liderança de um terreiro centenário como o Ilê Axé Opô Afonjá implicou profundas reflexões. Mãe Ana explica: “Perguntei a mim mesma por que havia sido escolhida, e encontrei minha resposta no silêncio e na escuta interior. Compreendi que cada pessoa tem uma missão, e a que chegou às minhas mãos foi a de ser a nova Yalorixá desta casa.” O impacto de suceder sua própria Yalorixá foi intenso, mas assumiu a missão com respeito absoluto à ancestralidade.

Nesse percurso, rende Mojubá às mães ancestrais desta casa: Mãe Aninha / Obá Biyi (1909–1938), Mãe Bada de Oxalá/ Mãe Bada Olufan Deiyi (1939–1941), Mãe Senhora/ Oxum Muiwá (1942–1967), Mãe Ondina de Oxalá/ Iwin Tona (1968–1975) e Mãe Stella de Oxóssi/ Odè Kayodê (1976–2018). Foram elas, juntamente com Xangô, que a fizeram Yalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá. Reconhece, nesse sentido, que sua presença hoje, em idade física e em caminhada espiritual, é resultado de uma determinação do Orixá e da confirmação do oráculo, por meio do jogo de búzios realizado no barracão, diante de toda a comunidade. “Minha liderança, portanto, não é um ato isolado, mas parte de uma longa linha de continuidade histórica e espiritual que se atualiza em cada geração”, afirma Mãe Ana.

LIDERANÇA, DESAFIOS E PEDAGOGIA DE TERREIRO¶ Sua liderança à frente do Ilê Axé Opô Afonjá se caracteriza pelo respeito absoluto à ancestralidade que sustenta sua trajetória, reafirmando os valores transmitidos por suas antecessoras.

As mães ancestrais que a precederam no comando do Ilê Axé Opô Afonjá foram mulheres de relevância histórica, que marcaram não apenas a religiosidade afro-brasileira, mas também a história social e cultural da Bahia e do Brasil. Suas atuações garantiram conquistas significativas tanto para a sociedade civil vinculada ao terreiro quanto para o culto e a preservação das tradições de matriz africana. No tempo presente, contudo, os desafios permanecem intensos: vivemos em uma sociedade

atravessada pelo racismo estrutural e pela intolerância religiosa, que demandam das lideranças religiosas sabedoria, tolerância e resiliência.

A convivência com a diversidade humana é, nesse contexto, um exercício constante. Para Mãe Ana, uma Yalorixá precisa de equilíbrio emocional, sensibilidade e fé para acolher os filhos e os consulentes. Muitas vezes, o que se busca no terreiro é um gesto simples — uma escuta atenta, um abraço, um colo. A liderança, portanto, não se limita à espiritualidade, mas envolve dimensões de psicologia comunitária, inteligência emocional e capacidade de diálogo. Essa força íntima, que permite enfrentar adversidades, emana do sagrado, da fé em Xangô, 30 que se reafirma como fundamento de resistência e de continuidade.

A LIDERANÇA É SUSTENTADA PELO ORIXÁ, PELA ANCESTRALIDADE

Para ela, ser Yalorixá significa, em última instância, unir e fortalecer a comunidade, consolidar laços e conduzir o ebé como uma família. É uma missão que exige caráter, dignidade, compromisso social e, sobretudo, a consciência de que não se está só: a liderança é sustentada pelo Orixá, pela ancestralidade e pelo corpo comunitário que se constrói cotidianamente no terreiro.

O corpo religioso, juntamente com o ebé, constitui a comunidade que encontrou e que também herdou. À liderança cabe saber conquistar, criar laços e promover a coesão dessa coletividade. Estar ao lado das pessoas, oferecer palavras amigas, apoiar nos momentos de dificuldade — tudo isso faz parte de um processo de continuidade. Embora tenha sido escolhida por Xangô Afonjá para liderar esta casa, a missão não é solitária: ela se realiza com a colaboração de cada integrante, desempenhando sua função, somando forças para dar continuidade a uma história que remonta a 1910, com a fundação por Mãe Aninha. 31

Antes de assumir a condição de Yalorixá, já exercia a função de educadora, profissão que ainda mantém. Essa experiência influencia diretamente a forma que compreende e exerce a liderança religiosa. Afinal, a pedagogia não se limita ao espaço escolar: ela se manifesta em todos os ambientes da vida social. No terreiro, pratica uma pedagogia de terreiro, fundada na convivência, na coletividade, na família e na ancestralidade. Educar, seja em sala de aula ou na comunidade religiosa, exige habilidade, paciência e capacidade de orientação. Muitas vezes, não é pela palavra que se educa, mas pelo exemplo — mostrando, por meio das ações, caminhos mais coerentes de convivência comunitária.

Assim, a liderança no Ilê Axé Opô Afonjá articula espiritualidade, pedagogia e compromisso social, reafirmando o terreiro como espaço de preservação da tradição, mas também como lugar de formação cidadã e de resistência cultural.

DIMENSÕES DA LIDERANÇA: EDUCAÇÃO, SOCIEDADE CIVIL E PRESERVAÇÃO DO MISTÉRIO¶ “Na escola, sou professora Ana Verônica; no terreiro, sou a Yalorixá, Mãe de Xangô. Sei distinguir essas dimensões, respeitando a especificidade de cada uma, ” sentencia Mãe Ana. Para ela, ambas, no entanto, compartilham um mesmo princípio: a educação como base da vida. Quando existem princípios claros e abertura para ouvir e refletir, torna-se possível colocar em prática aquilo que é correto, tanto no espaço escolar quanto na comunidade religiosa.



32



Uma característica fundamental do Ilê Axé Opô Afonjá é a separação entre a dimensão religiosa e a dimensão civil. Essa distinção é histórica e remonta à Mãe Aninha fundadora do terreiro, que criou a Sociedade Beneficente Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá com o propósito de oferecer respaldo organizativo e força institucional ao solo sagrado. Tal associação foi estruturada com cargos formais — presidente, vice-presidente, tesoureiro, conselho fiscal e secretário — conferindo legitimidade e clareza administrativa às ações do terreiro.

Ainda que o Afonjá seja regido pelo poder matriarcal da Yalorixá, Mãe Aninha pensou a sociedade civil como instância de suporte. Assim, o presidente conduz os trabalhos sociais e administrativos, mas a Yalorixá acompanha de perto cada decisão. A palavra final é sua, assegurando a preservação dos princípios da tradição religiosa e garantindo a continuidade do legado. Essa forma de organização, ao mesmo tempo moderna e ancestral, articula a dimensão civil ao poder sagrado, equilibrando gestão e espiritualidade.

33

Ao longo da história, desde Mãe Aninha, Mãe Senhora, Mãe Ondina e Mãe Stella, cada liderança marcou sua época, imprimindo contribuições decisivas à tradição. No caso de Mãe Stella de Oxóssi, sua postura diante do sincretismo religioso representou um marco fundamental: ao promover a separação entre catolicismo e candomblé, ela reafirmou a autonomia da religião de matriz africana, valorizando cada culto em sua singularidade e especificidade. Esse gesto foi, ao mesmo tempo, político e pedagógico, garantindo maior visibilidade e legitimidade ao Candomblé em sua dimensão própria.

No contexto contemporâneo, marcado pelas redes sociais e pela hiperexposição pública, o Ilê Axé Opô Afonjá mantém a preservação do mistério como um de seus pilares. Certos registros — como filmagens e fotografias durante os ritos sagrados — não são permitidos. Segundo Mãe Ana: “Embora vivamos no século XXI, a função da Yalorixá é assegurar a continuidade das tradições herdadas. Não se trata de julgar ou condenar práticas de outras casas, mas de reafirmar a singularidade do Afonjá, onde o sagrado é preservado em sua intimidade.” Registros fotográficos ou audiovisuais são autorizados apenas em situações comunitárias, nunca nos momentos ritualísticos consagrados ao Orixá.

Esse equilíbrio entre tradição e abertura encontra expressão nos espaços culturais idealizados por Mãe Stella de Oxóssi. Sua visão abrangente projetava horizontes mais largos para o terreiro e se concretizou, em 1982.

A criação do Museu Ilê Ohun Lailai: o primeiro museu do Brasil instalado em um terreiro de Candomblé. Situado no Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador (BA), o museu transformou a memória das Yalorixás em patrimônio acessível, aberto a estudantes, pesquisadores e à sociedade em geral. Sua missão é preservar, valorizar e difundir a cultura afro-brasileira, em especial a história e os rituais do povo iorubá.

O acervo, composto por mais de 750 peças — entre indumentárias, insígnias, mobiliário e utensílios —, narra a trajetória da comunidade religiosa e a história de sua fundação, configurando-se como espaço

de salvaguarda da memória, mas também de resistência e afirmação identitária. Ali, objetos históricos — como a cadeira de Mãe Stella e outros pertences — adquirem valor simbólico, histórico e cultural, projetando o Afonjá como centro de produção de conhecimento e de valorização das tradições afro-brasileiras. Nos últimos anos, o museu tem sido objeto de debates e ações voltadas à sua requalificação, em parceria com órgãos de cultura e com a própria comunidade do Afonjá, reafirmando seu papel como patrimônio vivo e espaço de referência para a preservação da herança cultural afro-brasileira.

O MUSEU TRANSFORMOU A MEMÓRIA DAS YALORIXÁS EM PATRIMÔNIO

LIDERANÇA NO SÉCULO XXI: PEDAGOGIA, RESILIÊNCIA E O FOCO NO MISTÉRIO

A criação de espaços educativos e culturais no Ilê Axé Opô Afonjá foi uma das marcas mais significativas da liderança de Mãe Stella de Oxóssi. A fundação da biblioteca ampliou o acesso à leitura e ao conhecimento, reunindo obras de diferentes áreas — literatura, poesia, religião e produções de autores filhos da casa. Esse espaço sempre esteve aberto não apenas aos membros do terreiro, mas também a alunos da Escola Eugênia Anna dos Santos e a estudantes de instituições de ensino superior, que encontraram ali uma importante fonte de pesquisa. Outro marco de sua liderança foi a criação da Casa do Alaká, dedicada ao resgate e à valorização do pano da costa. Antes mesmo de sua formalização, Mãe Stella convidou o mestre Abdias para ministrar oficinas, inicialmente realizadas na varanda da Casa de Xangô. Apesar das dificuldades iniciais, ela persistiu, reorganizou o projeto e consolidou a Casa do Alaká como centro de ensino e prática, onde muitas filhas de santo aprenderam a tecer e a preservar esse patrimônio material e imaterial. Trata-se de uma iniciativa que insere o Afonjá em um circuito mais amplo de salvaguarda de saberes tradicionais, vinculando o terreiro a processos de resistência cultural e de valorização estética das heranças africanas.

Essas iniciativas evidenciam que Mãe Stella não se restringiu ao cuidado interno do terreiro ou ao fortalecimento de seus filhos de santo. Seu horizonte de atuação foi amplo, projetando uma contribuição efetiva para a sociedade baiana e brasileira. Seu legado extrapolou os portões do Ilê Axé Opô Afonjá, alcançando reconhecimento em espaços seculares, como a Academia de Letras da Bahia, onde ocupou a cadeira nº 33, anteriormente pertencente a Castro Alves. Tal conquista reafirma sua dimensão como Yalorixá, educadora, intelectual e líder social, articulando o sagrado, o político e o pedagógico.

Foi, portanto, uma mulher que transcendeu a função religiosa, inscrevendo-se também como pensadora e protagonista de relevância intelectual e social. Sua trajetória não resultou de uma narrativa única ou linear, mas de muitas histórias que escreveu e protagonizou ao longo da vida — religiosas, intelectuais e comunitárias. O trabalho social que desenvolveu ultrapassou fronteiras físicas e simbólicas, tornando-se referência de reconhecimento e valorização do Candomblé e das culturas afro-brasileiras. 36

Com o tempo, a sociedade passou a compreender, valorizar e reconhecer quem foi — e quem continua sendo — Mãe Stella. Embora hoje não esteja presente no Ayé (a Terra), permanece viva no Orun (o plano espiritual). Sua história e seu legado continuam a reverberar por meio dos ensinamentos transmitidos, dos espaços que instituiu e das memórias que preservou. Para aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-la e conviver com ela, seus gestos e palavras seguem como referências de fé, resistência, dignidade e construção coletiva.

É nesse ponto de continuidade que se inscreve a liderança de Mãe Ana de Xangô. Sua atuação no Ilê Axé Opô Afonjá afirma-se como força de preservação histórica e de adaptação aos desafios do presente. Em um contexto marcado pelo racismo estrutural, pela intolerância religiosa e pela hipereposição das redes sociais, sua liderança exige sabedoria, tolerância e resiliência. Educadora de formação, Mãe Ana estrutura sua prática religiosa a partir do que denomina “pedagogia de terreiro”, que dá forma à sua missão de guiar o Afonjá no século XXI.

Assim como Mãe Stella compreendia a liderança como missão que ultrapassava o âmbito religioso, Mãe Ana reitera a centralidade da educação, da dignidade e da afirmação identitária na condução da comunidade. Para ela, ser Yalorixá significa unir e fortalecer, construir vínculos, cuidar do coletivo. Liderar não é um ato isolado, mas uma tarefa sustentada pela ancestralidade e pelo Orixá. Sua atuação se expressa, muitas vezes, em gestos simples: uma escuta atenta, um abraço, um

colo oferecido aos filhos e consulentes.

Nesse sentido, sua liderança ultrapassa a espiritualidade e alcança o que pode ser chamado de pedagogia do cuidado, incorporando dimensões da psicologia comunitária e da inteligência emocional, em continuidade direta ao exemplo de Mãe Stella, que sempre entendeu a educação como base da vida.

Diante das novas condições impostas pelo tempo presente, Mãe Ana reafirma um princípio fundamental para a identidade do Afonjá: a preservação do mistério. Em um contexto de crescente exposição pública, ela mantém restrições a registros audiovisuais durante os rituais, reafirmando que o sagrado deve ser preservado em sua intimidade. Essa postura não representa julgamento em relação a outras casas, mas sim a reafirmação da singularidade do Afonjá, que segue a diretriz herdada de Mãe Stella, igualmente preocupada em proteger os ritos de olhares externos e em salvaguardar a integridade da tradição diante das pressões do mundo contemporâneo.

Sua liderança, no entanto, não se limita à dimensão ritual. Desde o 37 início de sua assunção, Mãe Ana promoveu a requalificação de espaços fundamentais do terreiro, como a biblioteca, o barracão e a Fonte de Oxum e empreende esforços junto aos Institutos de Patrimônio para requalificação do Museu Ilê OhunLailai. O Centenário de Mãe Stella de Oxóssi foi transformado em um grande projeto de memória viva e também em catalisador para essas modernizações, consolidando o Afonjá como espaço de tradição, mas também de inovação cultural e social. Nesse sentido, suas ações dialogam diretamente com a herança de Mãe Stella, que no passado criou a Casa do Alaká, a biblioteca e o museu, inserindo o terreiro no circuito cultural e intelectual da Bahia. A continuidade, aqui, não significa repetição, mas a capacidade de reinventar a partir da ancestralidade, mantendo viva a pedagogia do Axé.

Na síntese de sua liderança, Mãe Ana articula os legados de Mãe Aninha, que desejava ver seus filhos “aos pés de Xangô, com um anel no dedo”, e de Mãe Stella, que sempre lembrava que “o que não se registra, o vento leva”. Esses ensinamentos reforçam a importância de viver e registrar o presente, de conjugar fé e educação, de unir tradição e vida social. É a ética do tempo presente que orienta sua missão: viver cada momento com consciência, plantar sementes de dignidade e amor, cultivar raízes sólidas para que flores e frutos possam surgir para a coletividade. Assim, Mãe Ana de Xangô inscreve-se como herdeira de uma linhagem de mulheres de axé, dando continuidade ao que recebeu e atualizando-o com sua própria voz, seu gesto e sua experiência.



38

Notas 1 SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nãgó e a morte: pássaro da noite*. Petrópolis: Vozes, 1976. 2 LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. 3 ANDRESON, Jamie Lee. *Ruth Landes e A cidade das mulheres: uma releitura da antropologia do candomblé*. Salvador: EDUFBA, 2019. 4 SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1988. 5 LIMA, Fábio. *Os iniciados no mistério não morrem*. Salvador: EDUFBA, 2020.







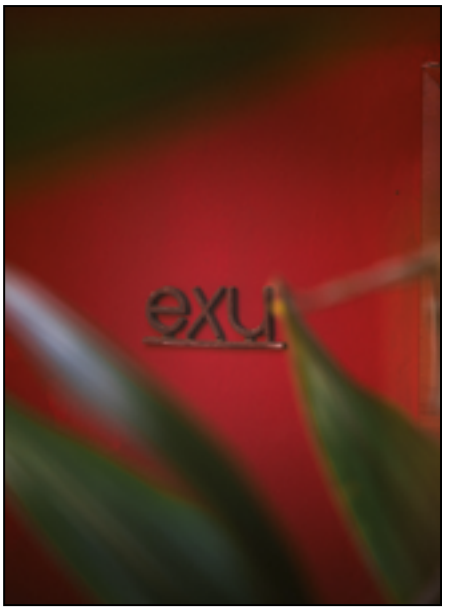
42



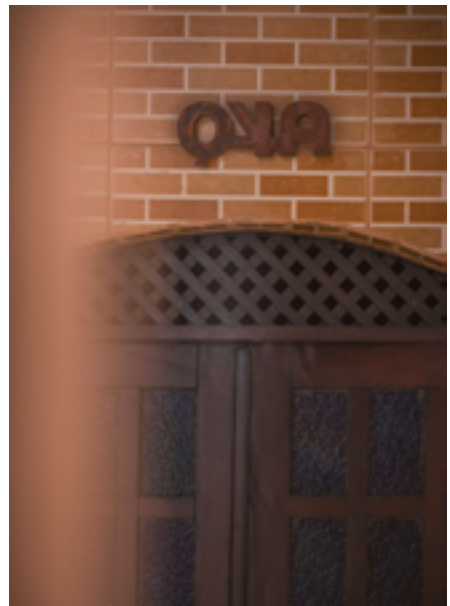
43



44

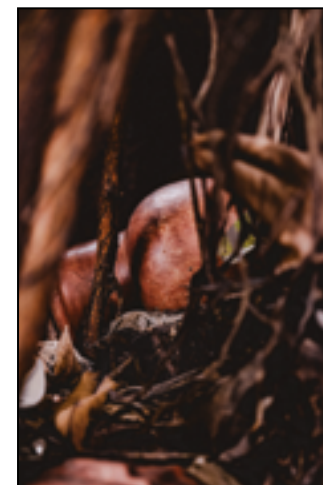


45





46



47



II.



III.



IV.



X.



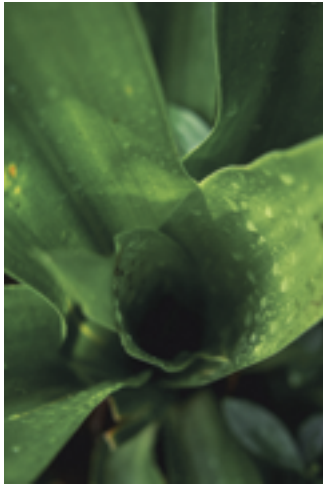
XI.



XII.



V.



VI.



50

XIII.



XIV.



VII.



VIII.



IX.



XV.



XVI.



XVII.





XVIII.

Horta de folhas sagradas do Opô Afonjá (I) Ewé Ose ou castanha do pará (II) Akòko ou acocô (III) Ewé Afere ou mutamba (IV) Ewé Boyí ou betis-cheiroso (V) Tètèrègún ou cana de macaco (VI) Ewé Ódúndún ou folha da costa (VII) Osibatá Ewé Jobo ou aguapé/baronesa (VII) Ewé Inã ou folha de fogo (IX) Bòtujè Funfun ou pião branco (X) Ewé Lará ou manona (XI) Bòtujè Funfun ou pião branco (XII) Igí Mèsan ou pararaio (XIII) Ewé Ajè ou couve de lavadeira (XIV) Atarê ou pimenta da costa (XV) Ewé Ajobi ou aroeira (XVI) Wèrènjèjè ou olho de pombo (XVII) Tètèrègún ou cana de macaco (XVIII) Gbòró Ayaba ou salsa da praia









60



61

Algumas das egbon do Opô Afonjá (1) Dalvinha de Omolú ou Iji Toji (2) Fernanda de Nanã ou Nã Ominilê (3) Iraíldes de Omolú ou Iji Solá (4) Thomásia de Oxaguiã ou Ajagun Iseyie (5) Eurides de Oyá ou Oyá Togi (6) Cíntia de Iemanjá ou Kundun de Iemanjá (7) Cristina de Oyá ou Oyá Funké (8) Angela de Xangô ou Obá Tobi Wá (9) Inayê de Ogun ou Ogun Abinandirê. *Nas páginas 98–101, movendo as folhas de Mâriwò:* o Ogã Eduardo de Oxaguian ou Ewè Kaywô

















76



77









(1)(2)

Mãe Aninha /*Obá Biyi* 1909—1938

Eugênia Ana dos Santos. Fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá. Nascimento em 13 de julho de 1869 (Salvador). Partiu para o Orun em 3 de janeiro de 1938 (68 anos, Salvador).

Mãe Bada de Oxalá
/ *Olufan Deiye* 1939—1941

Maria da Purificação Lopes, Mãe Bada de Oxalá, Olufan Deiye. Nascimento (Salvador, meados do século dezenove). Partiu para o Orun em 1941 (Salvador). Segunda Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá.

(3)(4)

Mãe Senhora /*Oxum Muiwá* 1942—1967

Maria Bibiana do Espírito Santo. Nascimento 31 de março de 1890 (Salvador). Partiu para o Orun 22 de fevereiro de 1967 (Salvador, aos 76 anos).

Mãe Ondina de Oxalá
/ *Iwin Tona* 1968—1975

Ondina Valéria Pimentel, Mãe Ondina ou Mãezinha, Iwin Tona. Nascimento 8 de fevereiro de 1916 (Salvador). Partiu para o Orun em 19 de março de 1975 (Salvador).



Mãe Stella de Oxóssi
/Odé Kayodé 1976–2018

Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi. Nascimento 02 de maio de 1925 (Salvador). Partiu para o Orun em 27 de dezembro de 2018 (em Santo Antônio de Jesus/BA). Quinta Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá.

Mãe Ana de Xangô */Obá Gerê* desde 2019

Ana Verônica Bispo dos Santos, Ana de Xangô, nasceu em 1966. Sexta ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá.





88

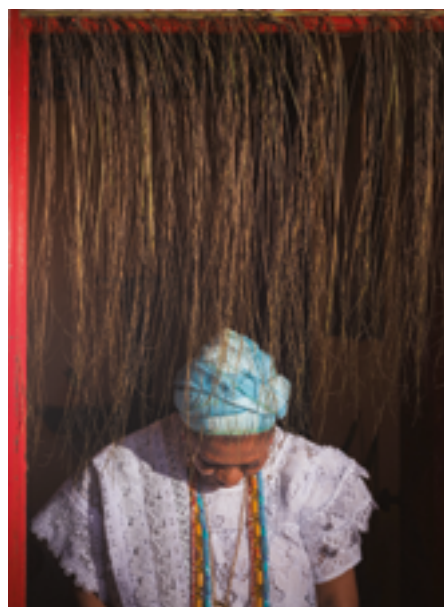


89









94



95









PEDAGOGY OF ANCESTRALITY: FAITH, EDUCATION, AND LEADERSHIP AT ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

104

THE FOUNDING OF Ilê Axé Opô Afonjá in 1910 by Eugênia Ana dos Santos (Mãe Aninha) marked a watershed moment in the religious and cultural history of Bahia. A spiritual daughter of Mãe Obá Tossi, from *Casa Branca do Engenho Velho*, Mãe Aninha consolidated a Nagô-based *terreiro* that would become a national reference point, articulating ancestral knowledge, ritual practices, and forms of social organisation. As Juana Elbein dos Santos emphasised in her seminal work *Os Nãgô e a morte* (1976), Afonjá constitutes a central space for the transmission and preservation of Nagô cosmology, reworking practices that ensure the continuity of *axé* and the strengthening of the community. Mãe Aninha's leadership extended far beyond the strictly religious domain. Ruth Landes described her as “the most honourable *mãe-de-santo* in Bahia,” highlighting her vitality and her capacity for political and institutional articulation within

the field of *candomblé*. As early as the 1920s and 1930s, Mãe Aninha actively participated in initiatives such as the *União de Seitas Afro-Brasileiras* (Union of Afro-Brazilian Sects) and appointed Edison Carneiro as *ogã* and representative of the *terreiro* in both academic and public spheres, thus consolidating her influence on religious as well as social levels (LANDES, 2002, p. 113–114). This leadership was also underscored by Jamie Lee Andreson in her analysis of the images produced by Ruth Landes: “The example of the photographs of Mãe Aninha — Eugênia Anna Santos, who had died a few months before Landes arrived in Brazil in 1938 — from the *terreiro* Ilê Axé Opô Afonjá, which circulated among practitioners, sympathisers, and scholars of candomblé, contributed to the representation and production of knowledge about the religion. The version of Candomblé disseminated by charismatic and public figures such as

105

Mãe Aninha and Martiniano do Bonfim greatly influenced the conclusions of Landes’s book (ANDRESON, 2019, p. 33). This emphasis reveals how the historical role of Ilê Axé Opô Afonjá extends far beyond the boundaries of religiosity. Muniz Sodré underscores that Bahian *terreiros*—and especially Afonjá—constitute spaces of sociability and resistance, continually negotiating the boundaries between the sacred and the urban. By articulating religiosity and community life, Afonjá also became a centre of social, cultural, and political formation, a dynamic already perceptible in its early decades, when Mãe Aninha and her successors consolidated ties with civil society and established the Sociedade Beneficente Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá (SODRÉ, 1988, p. 45). In this sense, Mãe Aninha’s death in 1938 represented more than the passing of a *Yalorixá*; it signified the closure of a foundational cycle that profoundly marked the religious and cultural history of Bahia. As Fábio Lima observes, those initiated into the mystery “do not die,” but remain active forces within the continuity of the *axé*, ensuring that the memory and vitality of their actions persist in both the social and religious bodies (LIMA, 2020, p. 57). The succession of great female leaders who followed Mãe Aninha—Mãe Bada de Oxalá, Mãe Senhora, Mãe Ondina, Mãe Stella de Oxóssi, and, more recently, Mãe Ana de Xangô—demonstrates the enduring vitality of this lineage. Each of these *Yalorixás* left a distinct mark on the *terreiro*, at times expanding its intellectual and social reach, at others reaffirming

its ritual and religious centrality. Thus, understanding the leadership of Mãe Ana de Xangô requires situating her within a continuum of historical and spiritual transmission, in which Nagô tradition is both preserved and renewed. At the same time, it demands recognition of how female leadership within Bahian *Candomblé* articulates memory, resistance, and the production of knowledge.

MÃE ANA DE XANGÔ: TRAJECTORY, FORMATION, AND

LEADERSHIP The life of Ana Verônica Bispo Santos, consecrated as Mãe Ana de Xangô, is inscribed within the broader framework of resistance and continuity of Afro-Brazilian traditions in Bahia. A direct heir to the lineage of Ilê Agboulá and successor to Mãe Stella de Oxóssi in the leadership of Ilê Axé Opô Afonjá, her trajectory weaves together dimensions of faith, pedagogy, formal education, and social commitment. At the same time, it reflects the tensions and challenges faced by religions of African matrix in contemporary Brazil. This narrative retrieves key aspects of her formation, initiation, and leadership, situating them within a wider historical context and relating them to the legacy of women who, since Mãe Aninha—the founder of the *terreiro* in 1910—have left indelible marks on the religious, social, and political culture of Bahia.

TRAJECTORY AND FORMATION Ana Verônica Bispo Santos, daughter of Flaviano Santos and the late Deise Bispo Santos, belongs to an Afro-descendant lineage shaped by both matriarchal and patriarchal heritages connected to the *Egungun* cult of Ilê Agboulá. Her father received the *Orukó* bestowed by

the ancestral guardian of the house, Baba Agboulá, being consecrated as *Oluo*—a designation that reaffirms the centrality of ancestry as an identity and formative foundation. This inheritance, transmitted through generations, constitutes the axis of her formation and daily learning. The patriarchal lineage to which she belongs, linked to *Ilê Axé Agboulá*, also known as *Omon Agboulá*, preserves the tradition of the *Egunguns* and maintains a living collective heritage in which the *Yalorixá* recognises herself and of which she is proud.

INITIATION AND LEARNING The religious initiation of Mãe Ana de Xangô, *Obá Gerê*, took place at Ilê Axé Opô Afonjá, the sacred space founded by Mãe Aninha and recognised as one of the most important *terreiros* in Brazil. At the age of thirteen, she was invited by Mãe Stella de Oxóssi to join the *força jovem do Axé*—the youth collective dedicated to social and educational engagement. This group was responsible for welcoming visitors, assisting in pedagogical activities, and learning through practice the teachings imparted by Mãe Stella, who consistently intertwined religion, education, and social responsibility in her formative approach. Later, Mãe Ana de Xangô was invited to participate in the Ilê Axé Opô Afonjá choir, where she served for many years. This experience represented not only a space of musical and ritual learning but also a locus of collective memory, as the choir became an instrument for preserving and disseminating the legacy of Mãe Aninha and Mãe Stella. Participation in this practice was,

therefore, both a source of joy and fulfilment, consolidating her sense of belonging to the community and her deep commitment to its tradition.

EDUCATION AND SOCIAL COMMITMENT

The role of Mãe Stella in Ana Verônica’s trajectory was decisive. The *Yalorixá* consistently emphasised the centrality of formal education as a guiding principle of life, asserting that study should walk side by side with religious formation. Ana Verônica’s family, in turn, cultivated this healthy balance, ensuring that schooling would never be neglected in the name of ritual life. There was, therefore, a shared understanding that education and religion were not mutually exclusive but complementary, together constituting the foundation of character, dignity, and formation for the *filhos* and *filhas de santo* (initiates). Mãe Stella’s leadership was marked by strength, responsibility, empowerment, and social commitment. Beyond her religious work, she asserted herself as an intellectual committed to the construction of an anti-racist education and to the development of innovative projects. Among her most significant achievements were the creation of the *Casa do Alaká*, dedicated to the preservation and valorisation of the *pano da costa* (a traditional West African cloth); the establishment of the *terreiro*’s museum and library; and the strengthening of the *Escola Eugênia Anna dos Santos*, which was revitalised through emancipatory pedagogical practices oriented towards the appreciation of Afro-Brazilian cultures.

LEGACY AND EXPANSION Mãe Stella’s vision transcended the physical boundaries of the *terreiro*. Her projects reached children and young people from

the surrounding community of São Gonçalo do Retiro, fostering dialogue between culture, tradition, and society. Through these initiatives, she reaffirmed the *terreiro* as a space of cultural resistance, civic education, and intellectual production. Her legacy, therefore, cannot be confined to the religious sphere: it stands as a lasting contribution to the history of education, culture, and the struggle against racism in Brazil.

INITIATION, CALLING, AND SUCCESSION Living alongside the teachings of Mãe Stella de Oxóssi was, for Ana Verônica, an invaluable privilege. Mãe Stella’s pedagogy—centred on social commitment, the value of education, and the continuity of tradition—shaped her trajectory and consolidated her identity as a daughter of Ilê Axé Opô Afonjá and heir to the *Aboulá* tradition. Mãe Stella never explicitly told her that she would be initiated or become her *filha de santo*; her focus was always on forming individuals committed to collectivity, education, and the perpetuation of the house’s legacy. This constant encouragement structured Ana Verônica’s worldview and guided her path. Over time, an inner need emerged—the call to be initiated, to be reborn into the *Orixá*. This rite took place on 24 August 1988, when she was initiated by Mãe Stella, born into Xangô, and received the *orukó* (sacred name) of Obá Guerê. From that moment onwards, her religious life assumed a new dimension, leading her to the position she holds today: that of religious leader and successor to her *Yalorixá*. The mission and divine purpose bestowed upon her by Xangô

Afonjá, patron of the house, form the foundation of her faith and her service. In Xangô she places her trust, certain that just petitions, when permitted by Olorum, are fulfilled. Faith teaches that Xangô never abandons his children: those who ask with sincerity and an open heart are answered, provided that such is the will of the divine. The calling she received recalls that of Mãe Stella, who, even after retiring from her career in nursing, was summoned to lead one of the most important *terreiros* in Brazil. Likewise, while still fully engaged in her work as an educator, Ana Verônica was unexpectedly chosen for this sacred mission. To be selected by an 108 *Orixá* among many elders with longer religious experience was both humbling and transformative. She could never have imagined that she would be designated by ancestry and by Xangô to carry forward such a profound spiritual and communal legacy.

ASSUMING THE LEADERSHIP OF A CENTENARY TERREIRO Assuming the leadership of a centenary *terreiro* such as Ilê Axé Opô Afonjá required profound reflection. Mãe Ana explains: “I asked myself why I had been chosen, and I found my answer in silence and inner listening. I understood that each person has a mission, and the one that reached my hands was to become the new *Yalorixá* of this house.” The impact of succeeding her own *Yalorixá* was intense, yet she embraced this mission with absolute respect for the ancestral line that precedes her. In her journey, she renders *Mojubá* (reverence) to the ancestral mothers of this house: Mãe Aninha / Obá Biyi (1909–1938), Mãe Bada de Oxalá /

Mãe Bada Olufan Deiye (1939–1941), Mãe Senhora / Oxum Muiwá (1942–1967), Mãe Ondina de Oxalá / Iwin Tona (1968–1975), and Mãe Stella de Oxóssi / Odé Kayodê (1976–2018). It was they, together with Xangô, who made her *Yalorixá* of IlêAxéOpô Afonjá. She recognises, in this sense, that her presence today—both in physical maturity and spiritual journey—is the result of the *Orixá’s* determination and the confirmation of the oracle, through the divinatory ritual of the *búzios* performed in the *barracão* before the entire community. “My leadership, therefore, is not an isolated act, but part of a long line of historical and spiritual continuity that is renewed with each generation,” affirms Mãe Ana.

LEADERSHIP, CHALLENGES, AND THE PEDAGOGY OF THE TERREIRO Her leadership at the head of Ilê Axé Opô Afonjá is defined by absolute reverence for the ancestral lineage that sustains her path, reaffirming the values transmitted by her predecessors. The ancestral mothers who came before her in the governance of Afonjá were women of great historical significance who shaped not only Afro-Brazilian religiosity but also the social and cultural history of Bahia and Brazil. Their work secured major advances for both the civil society connected to the *terreiro* and for the preservation of African-derived religious traditions. In the present day, however, the challenges remain profound. Brazilian society continues to be permeated by structural racism and religious intolerance, realities that demand of spiritual leaders wisdom, tolerance, and resilience. Living amidst such

diversity is, in this context, a constant exercise of empathy and balance. For Mãe Ana, a *Yalorixá* must possess emotional equilibrium, sensitivity, and faith in order to welcome her *filhos de santo* and spiritual seekers. Often, what people seek in the *terreiro* is not an elaborate ritual, but a simple human gesture—an attentive ear, a comforting embrace, or a reassuring presence. Leadership, therefore, extends beyond the spiritual sphere to encompass dimensions of community psychology, emotional intelligence, and dialogical capacity. This inner strength, which enables her to face adversity, emanates from the sacred—from faith in Xangô, who stands as the foundation 109 of resistance and continuity. For her, to be a *Yalorixá* ultimately means to unite and strengthen the community, to consolidate bonds, and to lead the *ebé* (religious body) as one leads a family. It is a mission that requires character, dignity, social commitment, and, above all, the awareness that one never leads alone: leadership is sustained by the *Orixá*, by the ancestral lineage, and by the communal body built daily within the *terreiro*. The religious body, together with the *ebé*, constitutes both the community that Mãe Ana inherited and the one she continues to build. To lead is to know how to cultivate trust, forge ties, and promote cohesion within this collective. Being present alongside others, offering words of encouragement, and providing support in moments of hardship—these are integral elements of a process of continuity. Although chosen by Xangô Afonjá to guide

this sacred house, her mission is not solitary: it is realised through the collaboration of each member, each fulfilling their role and combining their strength to ensure the continuity of a history that began in 1910, with the foundation laid by Mãe Aninha.

BEFORE ASSUMING THE ROLE OF YALORIXÁ Before assuming the role of *Yalorixá*, Mãe Ana had already been working as an educator — a profession she continues to practise to this day. This experience directly influences the way she understands and exercises religious leadership. After all, pedagogy is not confined to the school environment; it manifests in every sphere of social life. Within the *terreiro*, she practises what she terms as *pedagogia de terreiro* — a pedagogy grounded in coexistence, collectivity, family, and ancestry. To educate, whether in the classroom or in the religious community, requires skill, patience, and the ability to guide. Often, teaching does not occur through words alone but through example — demonstrating, through one’s actions, more coherent ways of living and coexisting within the community. Thus, leadership at Ilê Axé Opô Afonjá articulates spirituality, pedagogy, and social commitment, reaffirming the *terreiro* as both a space for the preservation of tradition and a site for civic formation and cultural resistance.

DIMENSIONS OF LEADERSHIP: EDUCATION, CIVIL SOCIETY, AND THE PRESERVATION OF MYSTERY “At school, I am teacher Ana Verônica; in the *terreiro*, I am the *Yalorixá*, Mother of Xangô. I know how to distinguish these dimensions, respecting the specificity of each,” states Mãe Ana. For her, however, both share the same guiding principle:

education as the foundation of life. When there are clear principles and an openness to listening and reflection, it becomes possible to put into practice what is right — both in the educational environment and within the religious community. A fundamental characteristic of Ilê Axé Opô Afonjá is the separation between the religious and civil dimensions. This distinction is historical and dates back to Mãe Aninha, the founder of the *terreiro*, who created the Sociedade Beneficente Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá with the purpose of providing organisational support and institutional strength to the sacred ground. This association was structured with formal positions — president, vice-president, treasurer, fiscal council, and secretary — conferring legitimacy and administrative clarity upon the *terreiro*’s actions. Although Afonjá is governed by the matriarchal authority of the *Yalorixá*, Mãe Aninha envisioned the civil society structure as a supportive instance. Thus, while the president leads the social and administrative activities, the *Yalorixá* closely oversees every decision. The final word is hers, ensuring the preservation of the principles of religious tradition and the continuity of the legacy. This form of organisation, at once modern and ancestral, articulates the civil dimension with sacred authority, harmonising management and spirituality. Throughout its history — from Mãe Aninha to Mãe Senhora, Mãe Ondina, and Mãe Stella — each leadership has left its mark, offering decisive

110

ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ CONTINUES TO UPHOLD THE PRESERVATION OF MYSTERY AS ONE OF ITS CENTRAL PILLARS

contributions to the tradition. In the case of Mãe Stella de Oxóssi, her stance regarding religious syncretism represented a pivotal moment: by promoting the separation between Catholicism and Candomblé, she reaffirmed the autonomy of the African-derived religion, valuing each cult in its own specificity and integrity. This gesture was both political and pedagogical, securing greater visibility and legitimacy for Candomblé as a distinct religious and cultural system. In the contemporary context, marked by social media and the culture of hyper-exposure, Ilê Axé Opô Afonjá continues to uphold the preservation of mystery as one of its central pillars. Certain forms of documentation — such as filming and photography during sacred rituals — are not permitted. According to Mãe Ana: “Although we live in the twenty-first century, the role of the *Yalorixá* is to ensure the continuity of the inherited traditions. It is not a matter of judging or condemning the practices

of other houses, but of reaffirming the singularity of *Afonjá*, where the sacred is preserved in its intimacy.” Photographic and audiovisual records are authorised only during community events, never in ritual moments consecrated to the *Orixá*. This balance between tradition and openness finds its fullest expression in the cultural spaces conceived by Mãe Stella de Oxóssi. Her broad and forward-looking vision extended the horizons of the *terreiro* and materialised, in 1982, with the creation of the Museu Ilê Ohun Lilai — the first museum in Brazil to be established within a Candomblé *terreiro*. Located within Ilê Axé Opô Afonjá in Salvador, Bahia, the museum transformed the memory of the *Yalorixás* into accessible heritage, open to students, researchers, and the wider public. Its mission is to preserve, value, and disseminate the Afro-Brazilian culture, particularly the history and rituals of the Yoruba people. The collection, composed of more than

111

750 items — including ceremonial garments, insignia, furniture, and ritual utensils — narrates the trajectory of the religious community and the history of its foundation. It serves as a space not only for the safeguarding of memory but also for resistance and the affirmation of identity. Within it, historical objects such as Mãe Stella’s chair and other personal belongings acquire symbolic, historical, and cultural value, projecting Afonjá as a centre for the production of knowledge and the appreciation of Afro-Brazilian traditions. In recent years, the museum has become the focus of renewed debates and collaborative initiatives aimed at its requalification, undertaken in partnership with cultural institutions and with the Afonjá community itself. These efforts reaffirm its role as a living heritage site and a vital reference point for the preservation of Afro-Brazilian cultural memory.

LEADERSHIP IN THE TWENTY-FIRST CENTURY:

PEDAGOGY, RESILIENCE, AND THE FOCUS ON MYSTERY The creation of educational and cultural spaces within Ilê Axé Opô Afonjá stands among the most defining features of Mãe Stella de Oxóssi’s leadership. The establishment of the library expanded access to reading and knowledge, assembling works from a range of disciplines — literature, poetry, religion, and texts authored by members of the house. This space has always been open not only to members of the *terreiro* but also to students from the Escola Eugênia Anna dos Santos and from higher education institutions, who have found there an important site for research and intellectual exchange. Another milestone of her leadership

was the creation of the Casa do Alaká, dedicated to the preservation and valorisation of the *pano da costa*, a traditional textile of deep cultural significance. Even before the formal establishment of the Casa, Mãe Stella invited Master Abdias to conduct workshops, initially held on the veranda of the Casa de Xangô. Despite the initial challenges, she persisted, reorganised the project, and consolidated the Casa do Alaká as a centre for teaching and practice, where many *filhas de santo* learned to weave and to preserve this material and immaterial heritage. This initiative placed Afonjá within a broader circuit of safeguarding traditional knowledge, 112 linking the *terreiro* to processes of cultural resistance and to the aesthetic appreciation of African inheritances. These initiatives demonstrate that Mãe Stella’s work extended far beyond the internal care of the *terreiro* or the strengthening of her *filhos de santo*. Her horizon of action was expansive, encompassing a profound contribution to Bahian and Brazilian society. Her legacy transcended the gates of Ilê Axé Opô Afonjá, attaining recognition within secular institutions such as the Academia de Letras da Bahia, where she occupied Chair No. 33, previously held by the poet Castro Alves. This achievement reaffirms her multifaceted stature as *Yalorixá*, educator, intellectual, and social leader — one who skillfully articulated the sacred, the political, and the pedagogical. She was, therefore, a woman who transcended the strictly religious sphere, inscribing herself as a thinker and a protagonist of remarkable intellectual and social relevance.

Her trajectory did not emerge from a single, linear narrative but from multiple interwoven stories that she both wrote and embodied throughout her life — religious, intellectual, and communal. The social work she developed crossed both physical and symbolic boundaries, becoming a benchmark for the recognition and valorisation of Candomblé and Afro-Brazilian cultures. Over time, society came to better understand, value, and recognise who Mãe Stella was — and who she continues to be. Although no longer present in the *Ayé* (the earthly realm), she remains alive in the *Orun* (the spiritual plane). Her life and legacy continue to resonate through the teachings she imparted, the institutions she established, and the memories she safeguarded. For those who had the privilege of knowing and living alongside her, her gestures and words endure as touchstones of faith, resilience, dignity, and collective construction. It is within this continuum that the leadership of Mãe Ana de Xangô is inscribed. Her work at Ilê Axé Opô Afonjá stands as both a force of historical preservation and an act of adaptation to contemporary challenges. In a context marked by structural racism, religious intolerance, and the hyperexposure of social media, her leadership demands wisdom, tolerance, and resilience. An educator by training, Mãe Ana structures her religious practice around her *pedagogia de terreiro*, which shapes her mission to guide Afonjá into the twenty-first century. Just as Mãe Stella understood

leadership as a mission that transcended the religious domain, Mãe Ana reiterates the centrality of education, dignity, and identity affirmation in the guidance of her community. For her, to be a *Yalorixá* means to unite and to strengthen, to build bonds, and to care for the collective. Leadership, she affirms, is not an isolated act but a task sustained by ancestry and by the Orixá. Her work often manifests through simple yet profound gestures — an attentive ear, an embrace, or a comforting presence offered to her *filhos de santo* and to those seeking counsel. In this sense, her leadership extends beyond spirituality, 113 embodying what may be termed a “pedagogy of care”, incorporating elements of community psychology and emotional intelligence, in direct continuity with the example set by Mãe Stella, who always understood education as the foundation of life. Faced with the new conditions imposed by contemporary times, Mãe Ana reaffirms a fundamental principle for the identity of Afonjá: the preservation of mystery. In a context of increasing public exposure, she maintains restrictions on audiovisual recordings during rituals, reaffirming that the sacred must be preserved in its intimacy. This stance does not represent a judgement on other *terreiros*, but rather a reaffirmation of Afonjá’s singularity — following the directive inherited from Mãe Stella, who was likewise committed to protecting ritual practices from external gazes and safeguarding the integrity of tradition against the

MÃE STELLA OFTEN REMINDED
THAT *WHAT IS NOT RECORDED,*
THE WIND CARRIES AWAY

pressures of the modern world. Her leadership, however, extends far beyond the ritual dimension. Since assuming her role, Mãe Ana has led the requalification of key spaces within the *terreiro*, such as the library, the *barracão*, and the Fountain of Oxum, and has undertaken efforts, in collaboration with heritage institutes, to restore and requalify the Museu Ilê Ohun Lailai. The Centenary of Mãe Stella de Oxóssi was transformed into a major project of living memory and became a catalyst for these modernisation initiatives, consolidating Afonjá as both a site of tradition and a space of cultural and social innovation. In this regard, her actions directly echo the legacy of Mãe Stella, who in the past established the Casa do Alaká, the library, and the museum, thereby integrating the *terreiro* into Bahia’s wider cultural and intellectual circuit. Continuity, in this sense, does not mean repetition, but rather the capacity to reinvent through ancestry

— keeping alive the pedagogy of Axé. 114

In the synthesis of her leadership, Mãe Ana weaves together the legacies of Mãe Aninha — who expressed the wish to see her children “at the feet of Xangô, with a ring on their finger” — and of Mãe Stella, who often reminded that “what is not recorded, the wind carries away.” These teachings reinforce the importance of living and recording the present, of uniting faith and education, of linking tradition to social life. It is this ethics of the present that guides her mission: to live each moment consciously, to plant seeds of dignity and love, to cultivate strong roots so that flowers and fruits may emerge for the benefit of the collective. In this way, Mãe Ana de Xangô inscribes herself as the heir to a lineage of women of axé, continuing what she has received and renewing it through her own voice, her actions, and her lived experience.

Bibliography ¶ANDRESON, Jamie Lee. Ruth Landes e A cidade das mulheres: uma releitura da antropologia do candomblé. Salvador: EDUFBA, 2019. ¶LANDES, Ruth. A cidade das mulheres. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. ¶LIMA, Fábio. Os iniciados no mistério não morrem. Salvador: EDUFBA, 2020. ¶SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nãgô e a morte: pássaro da noite. Petrópolis: Vozes, 1976. ¶SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.



CRÉDITOS

Anjo Negro Selo Editorial

editor/*editor-in-chief*: Danillo Barata; editora executiva/*executive editor*: Iansã Negrão; coordenação editorial/*editorial managing*: Morgana Miranda; Inara Negrão; editor de revisão/*copy-editor*: Mariana Christophe; tradução/*english translation*: Faustino Black Angel; fotos e tratamento de imagem/*photos and image treatment*: Roberto Abreu; projeto gráfico/*graphic design*: Iansã Negrão – Casa Grida; produção executiva/*executive producer*: Robson Oliveira; pesquisa de acervo e iconografia / *research (archive & iconography)*: Isabella Coretti; ilustração/*illustration*: Morgana Miranda; maquiagem / *make-up*: Narcisa Góes; assessoria de comunicação/*communication advisory office*: Gil Maciel Rocha

Agradecimentos / Acknowledgements

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Fundação Cultural Palmares agradecem a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste livro: Sociedade Beneficente Cruz Santa do Ilê Axé Opô Afonjá; Deputada Federal Lídice da Mata; IRDEB; Silvana Moura, Marina Brito Rodrigues; Coleção Ruth Landes Papers, National Anthropological Archives (Smithsonian Institution); Fábio Batista Lima; Festival Paisagem Sonora *festivalpaisagemsonora.org* e ao Ministério da Cultura, bem como a todas as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste livro */as well as to all the individuals and institutions who contributed to the making of this book.*

Fundação Cultural Palmares:

PRESIDÊNCIA João Jorge Santos Rodrigues; CHEFIA DE GABINETE Maria Ângela Inácio; DEPARTAMENTO DE FOMENTO E PROMOÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA Nelson Luiz Rigaud Mendes; DEPARTAMENTO DE PROTEÇÃO AO PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO Fernanda do Nascimento Thomaz; CENTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E REFERÊNCIA DA CULTURA NEGRA Guilherme Bruno dos Santos; COORDENAÇÃO DE PROJETOS Marcela de Oliveira Ribeiro; PROCURADORIA FEDERAL JUNTO À FCP Denilton Leal Carvalho; AUDITORIA INTERNA Babeth Melina Figueiredo Duarte; COORDENAÇÃO-GERAL DE GESTÃO ESTRATÉGICA Conceição de Maria Evangelista Barbosa; COORDENAÇÃO-GERAL DE GESTÃO INTERNA Carlos Eduardo Carneiro e Sousa; REPRESENTAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DA BAHIA Aline Santos Silva.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia REITORA: Georgina Gonçalves dos Santos; VICE-REITOR: Fábio Josué Souza dos Santos; PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA: Danillo Silva Barata; COORDENAÇÃO DE CULTURA E UNIVERSIDADE: Fabiana Comerlato; COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Maria da Conceição de Menezes Soglia; SECRETARIA ADMINISTRATIVA: Déborah Silva Sande; NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Sandrine Souza; NÚCLEO DE CULTURA E TERRITÓRIOS: Caroline de Jesus Fonseca da Silva; NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E AÇÕES COMUNITÁRIAS: Tábata Figueiredo Dourado — CHEFA DO NÚCLEO; NÚCLEO DE GESTÃO DO MEMORIAL: Gabriel da Costa Ávila; PROGRAMA CANTO CORAL UFRB: José Alípio de Oliveira Martins — MAESTRO; NÚCLEO DE GESTÃO DE DOCUMENTAÇÃO: Tércio da Silva Menezes; NÚCLEO DE GESTÃO DE RECURSOS: Robson dos Santos Oliveira; NÚCLEO DE PROJETOS E PROGRAMAS: Sinvaldo Barbosa Melo.

As imagens de Ruth Landes são cortesia do pesquisador Fábio Batista Lima requeridas ao Smithsonian Institution; [All images by Ruth Landes are courtesy of researcher Fábio Batista Lima and were obtained from the Smithsonian Institution]. Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. A UFRB agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição e compromete-se a incluí-los nas futuras reimpressões [All efforts have been made to recognize moral rights, copyrights and image rights in this book. The UFRB welcomes any information as to authorship, titularity and/or other relevant facts that may be incomplete in this edition and commits to including them in future printings].

Produto cultural resultante de emenda parlamentar da Deputada Federal Lídice da Mata, realizado por meio do Termo de Execução Descentralizada (TED) **Nº 971475** – FCP /*Cultural product resulting from a parliamentary amendment by Federal Deputy Lídice da Mata, carried out through Decentralised Execution Term (TED) No. 971475 – FCP.*

Todos os direitos desta edição reservados a Anjo Negro Selo Editorial /*All rights to this publication reserved by Anjo Negro Selo Editorial.* Proibida a reprodução do todo e de partes, sob qualquer forma e meio, sem a autorização expressa dos autores e da editora. /*No part of this publication may be reproduced in any form or by any means without the prior written permission of the authors and publisher.*

Este livro foi feito em Salvador e São Félix, Bahia, Brasil, em 2025. Composto com as tipografias Surveyor, Babcock e Basier. Impresso na Gráfica JB nos papéis, Pólen Soft FSC 80g e Papelão FSC. Tiragem: 1000 exemplares.

B226p

Barata, Danillo Silva.

Pedagogia da ancestralidade: fé, educação e liderança no Ilê Axé Opô Afojá / Danillo Silva Barata._ Cruz das Almas, BA: Selo Editorial Anjo Negro, 2025.

120p.; Il; Vol. 1.

Este livro é resultado de um percurso de escuta, convivência e diálogo. Nasceu das derivas e conversas partilhadas com o povo do terreiro – com suas vozes, gestos e silêncios – que fazem do Ilê Axé Opô Afonjá um espaço de memória viva, fé e pedagogia ancestral.

ISBN: 978-85-5971-143-1

1.Educação – Aspectos religiosos. 2.Cultura afro-brasileira – Aspectos sociais – Análise. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. II.Título.

CDD: 299.67

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da UFRB.
Responsável pela Elaboração Antonio Marcos Sarmento das Chagas (Bibliotecário – CRB5 / 1615).

realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



MOJUBÁ OBÁ BIYI
OLUFAN DEIYI
OXUM MUIWÁ
IWIN TONA
ODÉ KAYODÊ
OBÁ GERÊ